

NICK HORNBY

UMA RAPARIGA
ENDIABRADA

Tradução de Elsa T. S. Vieira

*Para Amanda, com amor e gratidão, como sempre.
E para Roger Gillett e Georgia Garrett.*

Audição

1

Barbara não queria ganhar um concurso de beleza mas, por sorte ou azar, era o que estava prestes a acontecer.

Nos minutos mortos entre o desfile e o anúncio da vencedora, amigos e familiares reuniram-se em volta das raparigas para lhes dar os parabéns e desejar boa sorte. Os pequenos grupos que se formaram faziam-lhe lembrar uma guloseima chamada Catherine Wheel, uma tira de alçaçuz preto enrolada à volta de um centro de pepitas coloridas: ali era uma rapariga com um fato de banho azul ou cor-de-rosa vivo rodeada por uma espiral de gabardinas castanhas ou pretas. Estava um dia fresco e húmido de julho nas piscinas de South Shore, e as concorrentes tinham os braços e as pernas arrepiados do frio, assemelhando-se a perus pendurados na montra de um talho. Só em Blackpool, pensou Barbara, é possível vencer um concurso de beleza com este aspeto.

Barbara não convidara quaisquer amigos e o pai recusava-se a vir para junto dela; por isso, permaneceu sozinha. O pai optara por se sentar numa cadeira de armar, a fingir que lia o *Daily Express*. Por fim, acabou por ir ter com ele. Deixar a companhia das outras raparigas fazia com que se sentisse seminua e embaraçada, não encantadora e elegante: teve de enfrentar os muitos assobios dos espetadores e quando chegou junto do pai estava provavelmente mais furiosa do que gostaria.

– O que é que estás a fazer, pai? – perguntou entredentes.

As pessoas sentadas ao pé dele, na sua maioria veraneantes idosos e entediados, ficaram subitamente tensas e entusiasmadas. Uma das raparigas! Mesmo à sua frente! A ralhar com o pai!

– Oh! Olá, querida.

– Porque é que não foste ter comigo?

O pai olhou para Barbara como se a filha lhe tivesse perguntado o nome do presidente da câmara de Tombuctu.

– Não viste o que toda a gente estava a fazer?

– Vi. Mas não me pareceu adequado, para mim.

– O que te torna tão diferente dos outros?

– Um homem sozinho, a correr feito... feito maluco no meio de uma data de miúdas bonitas e meio despidas? Ainda ia preso!

George Parker tinha peso a mais e aparentava ser muito mais velho do que a sua idade efetiva, quarenta e sete anos. Estava sozinho há dez anos, desde que a esposa o trocara pelo gerente da repartição de Finanças onde trabalhava, e Barbara percebeu que ele sentiria ainda mais velho e gordo se se aproximasse das outras raparigas.

– Bom, não precisavas de ir a correr feito maluco – contrapôs.

– Não podias ter ficado ali parado a conversar comigo?

– Vais ganhar, não vais? – perguntou-lhe George.

Barbara tentou não corar, sem sucesso. Os veraneantes que os conseguiam ouvir já tinham deixado de fingir que tricotavam e liam o jornal. Estavam a olhar abertamente para ela, espantados.

– Oh, não sei. Não me parece – respondeu.

A verdade era que sabia. O presidente da câmara aproximara-se dela, murmurara-lhe «Muito bem» ao ouvido e dera-lhe uma palmadinha discreta no traseiro.

– Deixa-te disso. És quilómetros mais bonita do que todas as outras. Toneladas.

Por algum motivo, e apesar de aquilo ser um concurso de beleza, a beleza superior de Barbara parecia irritar George. Nunca gostara que a filha se exibisse, mesmo quando era para fazer rir a família ou os amigos com algum número em que fingia ser tola, aérea ou desastrada. Não deixava de ser uma exibição. Hoje, contudo, uma vez que a exibição era o objetivo, Barbara julgara que o pai concordaria que se exibisse, mas não tivera tal sorte. George parecia estar a sugerir-lhe que, se tinha mesmo de participar num concurso de beleza, podia ao menos ter a boa educação de parecer mais feia do que as outras.

Fingiu ouvir orgulho paterno nas palavras dele, para não confundir a audiência.

– É lindo de se ver, um pai cego – comentou para os admiradores que os observavam. – Todas as raparigas deviam ter um.

Não fora a sua melhor deixa, mas pronunciou-a com o rosto totalmente sério, conseguindo assim uma gargalhada maior do que merecia. Por vezes a surpresa funcionava, e outras vezes as pessoas riam-se porque estavam à espera de se rir. Barbara julgava compreender ambos os tipos de riso, mas provavelmente era confuso para quem não levasse o riso a sério.

– Não sou cego – replicou George, em tom inexpressivo. – Olha.

Virou-se e fitou todas as pessoas que estavam a mostrar algum interesse de olhos arregalados.

– Papá, tens de parar de fazer isso – pediu Barbara. – As pessoas assustam-se quando veem um cego de olhos esbugalhados dessa maneira.

– Você... – O pai apontou rudemente para uma mulher com uma gabardina verde. – Você tem uma gabardina verde.

A senhora de idade na cadeira do lado começou a bater palmas, com alguma hesitação, como se George se tivesse curado naquele instante de uma maleita de toda a vida, ou estivesse a fazer um truque de magia espantoso.

– Como é que eu podia saber, se fosse cego?

Barbara percebeu que o pai começava a divertir-se. Muito de vez em quando, conseguia persuadi-lo a fazer o papel do tipo sério num número duplo, e George podia ter continuado a descrever o que via indefinidamente se o presidente da câmara não se tivesse aproximado do microfone e pigarreado.

*

Fora a tia Marie, a irmã do pai, que lhe sugerira que concorresse a Miss Blackpool. Marie viera tomar chá com eles num sábado à tarde porque estava nas redondezas, introduziu o concurso na conversa com falsa naturalidade e – como se só então lhe ocorresse – perguntou-lhe porque nunca concorrera, enquanto o pai acenava

com a cabeça e se fingia maravilhado com a esperteza de tal ideia. Barbara ficou confusa por um ou dois minutos, antes de perceber que aqueles dois tinham maquinado um plano. Tal plano, tanto quanto conseguiu perceber, funcionava assim: Barbara participava no concurso, ganhava e esquecia a ideia de se mudar para Londres, porque já não seria necessário. Seria famosa na sua própria cidade, e quem poderia desejar mais do que isso? A seguir tentaria a sua sorte no concurso de Miss Reino Unido e, caso esse não corresse bem, podia começar a pensar em casamento, onde haveria outra espécie de coroação. (Barbara tinha a certeza de que o matrimónio também fazia parte do plano. Marie torcia o nariz a Aidan, achava que a sobrinha conseguiria alguém muito melhor ou, pelo menos, muito mais rico, e que as rainhas de beleza tinham mais por onde escolher. Dotty Harrison, por exemplo, apesar de ter ficado apenas em terceiro lugar, casara com um homem que tinha sete lojas de carpetes.)

Barbara sabia que não queria ser rainha nem por um dia, quanto mais por um ano. Não queria ser rainha, de todo. Só ambicionava trabalhar na televisão e fazer rir as pessoas. As rainhas nunca tinham piada: pelo menos, não as de Blackpool nem as do palácio de Buckingham. Contudo, alinhara no esquema da tia Marie porque Dorothy Lamour fora Miss Nova Orleães e Sophia Loren ficara em segundo lugar no concurso de Miss Itália (Barbara sempre tivera curiosidade de ver uma fotografia da rapariga que vencera Sophia Loren), e também porque estava ansiosa para avançar com a sua vida e precisava que acontecesse qualquer coisa, fosse lá o que fosse. Sabia que ia partir o coração do pai, mas primeiro queria mostrar-lhe que tentara ser feliz ali, junto dele e da vida que sempre conhecera. Fizera o que podia: fora a audições para as peças da escola, nas quais conseguira pequenos papéis, e assistira dos bastidores enquanto as raparigas sem talento de quem os professores gostavam mais se esqueciam das falas e estragavam as poucas de que se lembravam. Participara em musicais nos Jardins de Inverno e falara com um homem da sociedade de teatro amador local, que a informara de que a próxima produção, *O Ginjal*, «provavelmente não seria ideal para ela». A seguir perguntara-lhe se gostaria de começar

por baixo, a vender bilhetes e a fazer cartazes. Barbara não queria nenhuma dessas coisas. Queria que lhe dessem um argumento engraçado para o poder tornar ainda mais divertido.

Desejava poder ser feliz, claro que sim; quem lhe dera não ser diferente! As suas amigas da escola e as colegas na secção de Cosméticos dos armazéns RHO Hills não pareciam querer sair da cidade a qualquer custo, e por vezes gostava de ser mais parecida com elas. Por outro lado, não havia também algo um pouco infantil no sonho de querer aparecer na televisão? Não estaria apenas a gritar «Olhem para mim! Olhem para mim!» como uma criança de dois anos? Sim, está bem: algumas pessoas, principalmente homens de todas as idades, fixavam-na, mas não da forma que Barbara queria ser vista. Olhavam para o cabelo loiro, para o peito e para as pernas, mas nunca viam mais do que isso. Assim, entrara no concurso e ia ganhar; nem queria ver a expressão nos olhos do pai quando percebesse que aquilo não faria diferença nenhuma, em nada.

*

O presidente da câmara não foi direto ao assunto porque não era esse tipo de homem. Agradeceu a presença de todos e fez uma piada despropositada sobre a equipa de Preston ter perdido a final da Taça, e uma piada cruel sobre a mulher não ter participado no concurso naquele ano por causa dos joanetes. Declarou que o «bando de beldades» à sua frente – era precisamente o tipo de homem que usaria tal expressão – o deixavam ainda mais orgulhoso da cidade do que já estava. Toda a gente sabia que a maioria das concorrentes eram veraneantes de Leeds, Manchester e Oldham, mas, de qualquer maneira, o presidente recebeu uma grande ovação por estas palavras. Falou durante tanto tempo que Barbara começou a tentar calcular o tamanho da multidão para se distrair, contando as cabeças numa fila de cadeiras e depois multiplicando-as pelo número de filas, mas não chegou a acabar porque se perdeu no rosto de uma velhota com um chapéu impermeável e sem dentes, que mastigava continuamente o mesmo pedaço de sanduíche. Essa era outra ambição que Barbara queria acrescentar a uma pilha já periclitante: queria

manter os próprios dentes, ao contrário de praticamente todos os seus familiares acima dos cinquenta anos. Acordou daquela fantasia mesmo a tempo de ouvir o seu nome e de reparar nos sorrisos falsos das outras raparigas.

Não sentiu nada. Ou melhor: notou a ausência de sentimentos e a seguir sentiu-se um bocadinho enjoada. Seria bom poder pensar que se enganara, que afinal não tinha de deixar o pai e a cidade, que aquele era um sonho realizado e que podia viver dentro dele para o resto da vida. Não se atreveu a pensar muito no meio do entorpecimento, antes que chegasse à conclusão de que era uma cabra fria e detestável. Abriu um sorriso radiante quando a mulher do presidente da câmara lhe veio colocar a faixa e até conseguiu sorrir quando o presidente da câmara a beijou nos lábios, mas quando o pai se aproximou e a abraçou desatou a chorar, o que era a sua maneira de lhe indicar que já tinha praticamente um pé fora da cidade e que tornar-se Miss Blackpool nem sequer chegara perto de conseguir acalmar a comichão interior que a atormentava.

Nunca chorara em fato de banho, pelo menos não desde que era adulta. Os fatos de banho não são feitos para chorar: não com o sol, a areia, os gritos e os rapazes de olhos esbugalhados. A sensação das lágrimas geladas pelo vento a deslizarem-lhe pelo pescoço e entre os seios era peculiar. A mulher do presidente da câmara passou-lhe o braço pelos ombros.

– Eu estou bem – assegurou Barbara. – A sério. Estou só a ser pateta.

– Acredite ou não, sei como se sente – respondeu a mulher do presidente da câmara. – Foi assim que nós nos conhecemos. Antes da guerra. Ele era apenas conselheiro, na altura.

– A senhora foi Miss Blackpool? – perguntou Barbara.

Tentou dizê-lo de forma que não sugerisse estupefação, mas não sabia se fora bem-sucedida. O presidente da câmara e a mulher eram ambos grandes, mas o tamanho dele parecia intencional, de alguma forma, uma indicação da sua importância, enquanto o dela parecia um erro terrível. Talvez fosse apenas porque ele não se importava e ela sim.

– Acredite ou não.

As duas mulheres entreolharam-se. Estas coisas aconteciam. Não era preciso dizer mais nada, mas depois o presidente aproximou-se delas e acrescentou mais qualquer coisa.

– Ninguém o adivinharia ao olhar para ela – notou, uma vez que não era homem para deixar nada subentendido.

A mulher revirou os olhos.

– Disse-lhe «acredite ou não» duas vezes e admiti que já não sou nenhuma Miss Blackpool. Mas tu tens sempre de ser um brumtamontes.

– Não te ouvi dizer-lhe «acredite ou não».

– Mas foi o que aconteceu. Duas vezes. Não foi, minha querida?

Barbara acenou afirmativamente. Não queria nada meter-se na discussão, mas achou que podia ao menos dar aquele consolo à pobre mulher.

– Filhos e bolos, filhos e bolos – elucidou o presidente da câmara.

– Bom, tu também não és nenhuma obra de arte – retorquiu a mulher.

– Pois não, mas tu também não casaste comigo pelos meus lindos olhos.

A mulher pensou naquilo e deu-lhe razão em silêncio.

– Ao passo que tu, quando nos casámos, eras sem dúvida uma obra-prima. Bom, de qualquer maneira – continuou, dirigindo-se a Barbara –, sabe que estas são as maiores piscinas ao ar livre do mundo, não sabe? E hoje é um dos nossos dias mais importantes, portanto é natural que se sinta emocionada.

Barbara acenou com a cabeça, fungou e sorriu. Nem saberia como começar a explicar-lhe que o problema era precisamente o oposto do que ele descrevera: o dia era ainda menos importante do que ela temera.

– Maldita seja essa Lucy – notou George. – Isto é tudo culpa dela.

O presidente da câmara e a mulher pareciam confusos, mas Barbara sabia de quem o pai estava a falar. Sentiu-se compreendida, o que só tornou tudo ainda pior.

*

Barbara adorava Lucille Ball desde que vira *I Love Lucy* pela primeira vez: tudo o que sentia ou fazia vinha daí. O mundo parecia parar durante meia hora todos os domingos, e o pai sabia que enquanto estava a dar não podia tentar falar com Barbara, nem sequer fazer barulho com o jornal, para que a filha não perdesse pítada do programa. Havia muitas outras pessoas engraçadas de quem ela gostava: Tony Hancock, Sergeant Bilko, Morecomb e Wise. No entanto, mesmo que quisesse Barbara nunca poderia ser como eles, uma vez que eram todos homens. Tony, Ernie, Eric, Ernie... Não havia ninguém chamado Lucy ou Barbara nesse grupo. Não existiam raparigas engraçadas.

«É só um programa de televisão», argumentava o pai, antes ou depois, mas nunca durante a exibição. «Ainda por cima, é americano. Não é aquilo que eu considero humor britânico.»

«Ah... Essa é a expressão especial que usas para falar do humor da Grã-Bretanha, não é?»

«Sim, o dos tipos da BBC e por aí fora.»

«Estou a perceber.»

Barbara só parava de se meter com o pai quando se fartava, e nunca por ele ter percebido e acabado com a piada da conversa. Se tivesse de continuar em Blackpool, um dos seus planos era atormentar George com conversas daquelas para o resto da vida dele.

«Para começar, ela não é engraçada», notava o pai.

«É a mulher mais engraçada que já apareceu na televisão», garantia Barbara.

«Mas tu não te ris», retorquia o pai.

Era verdade, mas isso acontecia porque geralmente já assistira aos episódios. Durante as reposições, concentrava-se mais, de forma a poder absorver melhor todas as *nuances* da representação de Lucy. Se houvesse maneira de a ver todos os dias da semana era o que faria, mas não havia; por isso, era obrigada a concentrar-se mais do que nunca, e esperar reter alguma coisa.

«Seja como for, tu também me mandas calar quando estão a dar os resultados do futebol na rádio», ripostava.

«Sim, por causa das apostas», explicava o pai. «Um desses jogos de futebol pode mudar as nossas vidas.»

O que Barbara não conseguia explicar sem parecer doida era que, para si, *I Love Lucy* era exatamente o mesmo que as apostas. Um dia, uma das expressões ou falas de Lucy ia mudar a vida dela, e talvez também a do pai. Na realidade, Lucy já mudara a vida de Barbara, embora não para melhor: o programa afastara-a de todos – amigos, família, as colegas de trabalho. Por vezes, Barbara pensava que aquilo era um pouco como ser religiosa. Levava tão a sério a comédia televisiva que as pessoas a achavam um bocadinho estranha, ao ponto de ter deixado de falar no assunto.

*

O fotógrafo do *Evening Gazette* apresentou-se e conduziu Barbara até junto das pranchas de mergulho.

– Você é mesmo o Len Phillips? – estava o pai a perguntar. – Não está a enganar-me?

Reconhecera o nome do jornal e ficara deslumbrado. Meu Deus, pensou Barbara. E ainda se admira que eu queira sair daqui.

– Acreditas, Barbara? O senhor Phillips veio pessoalmente às piscinas.

– Trate-me por Len.

– A sério? Muito obrigado. – Contudo, parecia um bocadinho incomodado, como se não tivesse conquistado tal honra.

– Sim, bom, provavelmente não tem milhares de empregados – sugeriu Barbara.

– Não, sou só eu e um rapaz, às vezes – explicou Len. – E hoje é um grande dia para Blackpool. Seria um idiota se deixasse o meu ajudante tratar disto.

Fez sinal a Barbara para recuar um pouco.

– Olha o passarinho! – brincou o pai. – Ou só os amadores é que dizem isso?

– Não, nós também. Mas às vezes eu grito «Cuecas!» só para variar.

George riu-se e abanou a cabeça, maravilhado. Barbara percebeu que ele nunca se divertira tanto.

– Não tem namorado? – perguntou Len.

– Ele não conseguiu tirar o dia, Len – respondeu George. Fez uma pausa, claramente a pensar se teria falado em tom demasiado familiar, cedo de mais. – Parece que estão com pouco pessoal por causa das férias. A Marie, a tia dela, também não pôde vir, porque foi passar duas semanas à Ilha de Man. As primeiras férias que tira em sete anos. É só uma caravana, mas sabe o que se costuma dizer: uma mudança vale tanto como um descanso.

– Devia estar a anotar isto, Len – indicou Barbara. – Caravana. Ilha de Man. «Uma mudança vale tanto como um descanso». Ela foi sozinha com o tio Jack, papá? Ou os rapazes também foram?

– O Len não quer saber disso – replicou o pai.

– Onde é que ela trabalha? – perguntou Len a George, indicando Barbara com um aceno de cabeça.

– Não sei. Podíamos perguntar-lhe – ironizou Barbara.

– Nos Cosméticos dos armazéns RHO Hills – respondeu o pai. – E o Aidan no Vestuário Masculino. Foi assim que se conheceram.

– Bom, ela não vai passar lá muito tempo agora, pois não? – referiu o fotógrafo.

– Ah, não? – questionou George.

– Estou sempre a tirar fotografias à vencedora do concurso: hospitais, espetáculos, galas de caridade... A sua filha vai passar a ter muitas responsabilidades. Vai ser um ano movimentadíssimo. Vamos ver-nos muito, Barbara; terá de se habituar à minha carantonha.

– Oh, céus! – exclamou o pai. – Ouviste, Barbara?

Hospitais? Galas de caridade? Um ano inteiro!!? A tia Marie mencionara a inauguração de lojas e acender as luzes de Natal, mas nunca passara pela cabeça de Barbara que ia desiludir as pessoas se desaparecesse, e não lhe ocorrera que ainda seria Miss Blackpool daí a trezentos e sessenta e quatro dias. Soube de imediato que não queria continuar a ser Miss Blackpool nem daí a uma hora.

– Onde é que ela vai? – inquiriu Len.

– Onde é que vais? – perguntou-lhe o pai.

Quinze minutos depois a primeira dama de honor, Sheila Jenkinson, uma ruiva alta e engraçada de Skelmersdale, tinha a tiara na cabeça e Barbara e o pai estavam num táxi a caminho de casa. A rapariga partiu para Londres na semana seguinte.

2

Despedir-se do pai foi difícil. Sabia que ele tinha medo de ficar sozinho, mas isso não a impediu. No comboio, não sabia se estava mais angustiada por causa da tristeza e do medo dele, ou da sua própria desumanidade: nem por uma vez esteve perto de mudar de ideias. Despedir-se de Aidan, por outro lado, foi fácil. O namorado pareceu ficar aliviado e comentou que sabia que Barbara lhe ia arranjar problemas se permanecesse em Blackpool. (Na primavera seguinte casou-se com outra e arranjou problemas à mulher durante os quinze anos ulteriores.)

Londres também era fácil, desde que não se estivesse à espera de muito. Barbara arranjou um quarto com pequeno-almoço incluído numa pensão perto da estação de Euston, pagou os primeiros três dias com o dinheiro das suas poupanças, foi ao centro de emprego e conseguiu um trabalho na secção de Cosméticos dos armazéns Derry & Toms em Kensington High Street. Aparentemente, tudo o que tinha de fazer era pedir uma versão inferior da vida que tivera antes e Londres fornecia-a. Londres também não queria saber de onde ela vinha, desde que não se importasse de ouvir o empregado da tabaqueira ou o motorista do autocarro a rirem e a repetirem as suas palavras sempre que abria a boca, divertidos com o sotaque dela. Às vezes, outros clientes e outros a juntarem-se à diversão.

Uma rapariga chamada Marjorie, que trabalhava na secção de Calçado de Senhora, ofereceu-lhe um quarto duplo em Earl's Court, muito mais perto da loja, e Barbara aceitou antes de se aperceber que Marjorie ia partilhar o quarto com ela.